

Discursos de Poder e de Memória: o caso das nomeações de um museu em São José dos Pinhais/PR (1977-2021)

Discourses of Power and Memory: the case of nominations for a museum in São José dos Pinhais/PR (1977-2021)

Luciano Chinda Doarte¹

Isadora Graser Marasquin²

Resumo: Debruçando-se sobre a alteração do nome do então Museu Municipal de São José dos Pinhais para Museu Municipal Atílio Rocco, em São José dos Pinhais/PR, em 1981, este estudo se apropria de teorias e métodos para perceber as interações identitárias, subjetivas e práticas no campo da história oficial, da memória e do poder político. Para tanto, faz uso de propostas da Análise do Discurso, da História do Tempo Presente, da memória cultural e da gestão da memória social. Como resultados, apresenta que as mudanças alteram profundamente as formas de relação do museu com a sociedade contextual, bem como promovem mágoas não sanadas na narrativa municipal sobre o passado comum.

Palavras-chave: Museu Municipal Atílio Rocco; Museu, memória e poder; São José dos Pinhais.

Abstract: Focusing on the change of the name of the then Municipal Museum of São José dos Pinhais to Atílio Rocco Municipal Museum, in São José dos Pinhais/PR, in 1981, this study appropriates theories and methods to understand the identity, subjective and practices in the field of official history, memory and political power. Therefore, it makes use of proposals from Discourse Analysis, the History of the Present Time, cultural memory and the management of social memory. As a result, it shows that the changes profoundly alter the forms of the museum's relationship with the contextual society, as well as promote unresolved grievances in the municipal narrative about the common past.

Keywords: Atílio Rocco Municipal Museum; Museum, memory and power; São José dos Pinhais.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor-Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Cultural (GEPPC) e Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de São José dos Pinhais (COMPAC/SJP). Contato: lucianochinda.lcd@gmail.com.

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio Cultural (GEPPC) e Estagiária de Pós-Graduação na Casa da Memória, da Fundação Cultural de Curitiba (FCC). Contato: isadoramarasquin@gmail.com.

Introdução

O presente estudo se debruça sobre a mudança do nome do único museu histórico e cultural de São José dos Pinhais, movimento este ocorrido em 1981, mas que não é um processo totalmente encerrado ao passado, tendo em vista que trinta anos depois do ato as afetações e tentativas de alteração seguem acontecendo. Esta análise se desenvolve com vistas ao fato de que o nome de uma instituição desta natureza não é, em nenhum tempo, escolha de acaso, mas, isto sim, “a escolha do nome do museu constitui o primeiro elemento, importante, por meio do qual uma imagem é projetada. Frequentemente ela enseja acirrados debates [...]”.³

São José dos Pinhais é o maior e mais antigo município da Região Metropolitana de Curitiba, no Paraná. Sua emancipação política se deu em 1853, no mesmo ano em que o Paraná foi desmembrado de São Paulo. A formação de uma elite e de dinâmicas próprias na região contribuiu muito para este movimento de separação, e São José dos Pinhais participou disso. Após ser uma cidade de maioria portuguesa, no século XIX passou a receber muitos imigrantes europeus oferecendo espaço de moradia e trabalho em diferentes colônias. Como o resto do estado, sua maioria de imigração era eslava, mas o centro da cidade era sobretudo habitado por italianos, que formaram nos primeiros anos do século XX uma pequena elite social, econômica e política. A imigração é, ainda em 2021, uma das principais faces culturais que o município divulga sobre si mesmo.

A vida cultural em sentido estrito em São José dos Pinhais apresenta, como instrumentos, o Museu Municipal Atílio Rocco, a Galeria Municipal de Artes, o Museu do Boneco Animado, a Escola da Cultura, a Usina da Música, o Teatro Municipal Ernani Zetola, quatro bibliotecas públicas, o Memorial João Senegaglia e a Casa da Cultura Polonesa. O município também possui políticas culturais bem estruturadas, com um Conselho Municipal de Cultura, um Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, Sistema Municipal de Cultura e Plano Municipal de Cultura.

Estes instrumentos e estas políticas podem dar um tom de ampla atuação cultural, todavia, há ainda diferentes desacordos neste campo no contexto são-joseense. Um deles diz respeito às incoerências legais de leis, decretos, planos de execução de políticas que por vezes preveem uns órgãos e colegiados e não outros, gerando um panorama jurídico mal amarrado.

³ GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 88.

Outro, o que interessa neste estudo, diz respeito a uma mácula histórica que conta já com trinta anos de existência: as performances político-culturais de nomeação do museu histórico do município e as afetações das mudanças realizadas no campo da memória e dos discursos.

Uma Narrativa sobre um Processo Histórico: um museu e seu nome

De início, o que se pretende oferecer é uma ideia acerca do processo histórico marcadamente iniciado no ano de 1977 – como será explicado – e que tem afetações profundas e ativas ainda em 2021. Este processo dá conta da fundação de um museu de cunho histórico e cultural no município de São José dos Pinhais/PR, na segunda metade da década de 1970 e como, com menos de cinco anos de existência, a instituição e seu fundador envolveram-se em uma trama de palavras, significados e proposições de memória pública que até os dias atuais não se desenrolaram por completo, ressaltando que os espaços oficiais e oficializadores de cultura e de dinâmicas socioculturais são, isto sim, sempre espaços de disputa⁴.

Ernani Zetola, nascido em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba) em 30 de julho de 1921, era descendente de imigrantes italianos que, como muitos, chegaram ao Brasil em busca de oportunidades melhores que as disponíveis na Europa de então. Sua família se estabeleceu no centro do município, onde seu pai, Clemente Zetola, foi alfaiate e também proprietário de uma fábrica de bebidas e doces caseiros. Ao longo dos seus oitenta e nove anos de vida, Ernani Zetola atuou em muitos campos profissionais: comunicação, artes, cultura, eventos sociais e folclore são alguns exemplos. A cada passo de sua atuação, fazem parecer as menções que ele mesmo fez aos temas, Ernani alcançava algum tipo de auge de sua realização pessoal com o trabalho nas áreas sociais e culturais.

Com dezenove anos, um ano após ter concluído o curso ginásial no Colégio Novo Ateneu em Curitiba, em 1939, Ernani é aprovado em um concurso público para trabalhar no Departamento de Correios e Telégrafos (DCT), segundo ele mesmo relatou em uma entrevista que concedeu em 2001, por ocasião das comemorações dos seus oitenta anos de vida⁵. Foi este emprego público considerado essencial – por ser da área de comunicações – que o livrou de precisar atender à convocação das Forças Armadas Brasileiras para servir na Segunda

⁴ ANDREONI, Renata. Museu, Memória e Poder. *Em Questão*, v. 17, n. 2, p. 167-179, 2011. p. 168; SOUZA, Giane Maria de. Museus, espaços de memórias e coleções: diálogos e interfaces. *Revista Confluências Culturais*, v. 5, n. 2, p. 151-162, 2016. p. 154.

⁵ ZETOLA, Ernani. Entrevista autobiográfica, concedida a Margareth Poli, 2001, realizada em sua residência, na Praça 8 de Janeiro, Centro de São José dos Pinhais.

Guerra Mundial. Ele havia sido colocado na reserva das F. A. em dezembro de 1940, mas, com a entrada do Brasil no conflito, em 1943, fora convocado e posteriormente dispensado, quando “foi considerado de convocação anulada por ser funcionário dos Correios e Telégrafos do Paraná”⁶.

No DCT, Ernani atuou durante trinta e três anos, aposentando-se em 1973, gozando de duas licenças especiais de um ano cada (recebidas, cada uma, a cada dez anos de trabalho). Mesmo ao longo dos anos em que trabalhou como auxiliar de escritório, postalista e telegrafista no DCT, Ernani manteve uma atuação no campo social e no campo cultural muito saliente. Neste tempo, por exemplo, também foi colunista nos periódicos de São José dos Pinhais, tendo começado com a *Coluna da Saudade*, no jornal *Correio de São José*, em 1952⁷; foi um dos fundadores do Centro Cultural Scharffenberg de Quadros, em 5 de outubro de 1953; e fundou o Grupo Folclórico Italiano de São José dos Pinhais, em 1963, “com o apoio de pessoas amigas”⁸, como ele mesmo resumiu (sendo coreógrafo, estilista, pesquisador e organizador das apresentações do coletivo).

Todavia, foi certamente após sua aposentadoria que Ernani Zetola pode se dedicar mais inteiramente às causas que mais lhe afetavam. Uma destas, talvez, inferimos a partir da apreciação autobiográfica, a maior de todas elas, foi a preocupação com a memória cultural (sem fazer uso deste termo) e com a história (em sentido oficial) de sua terra natal. Esta preocupação estava introjetada em muitas outras que foram desenvolvidas, sobretudo a partir da década de 1950. Na *Coluna da Saudade*, Ernani Zetola homenageava pessoas com as quais ele havia convivido desde sua infância. Algumas destas pessoas foram escravizadas libertas, como “Nhá” Galeana e Zacarias Alves Pereira, já outras eram profissionais atuantes da região, como o Professor Costa Viana. A partir das suas lembranças e da sua postura observadora, Ernani escrevia sobre o passado. Maria Angélica Marochi, professora, historiadora e amiga de Ernani Zetola assim resumiu esta atividade em uma entrevista alusiva ao centenário de nascimento de Ernani:

Eu sempre admirei muito a postura do Seu Ernani de contemplar nas suas colunas e na fala dele – depois eu até o entrevistei pra falar dos descendentes de escravos, das pessoas escravizadas –, e eu ouvindo ele, eu vi que ele tinha muita afetividade, respeito para com essas pessoas. [...] Ele punha lá “hora da saudade”, daquelas pessoas que ele disse que frequentava enquanto menino, enquanto jovem,

⁶ Anotação manuscrita presente no verso da Certidão de Reservista de Ernani Zetola, na qual consta sua dispensa da convocação, de 1943. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

⁷ COLUNA da Saudade. *Correio de São José*, 9 nov. 1952, São José dos Pinhais/PR, p. 5. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

⁸ *Curriculum vitae* de Ernani Zetola, feito pelo mesmo. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

adolescente, que ele gostava muito. Ele: “vou lá na casa da Nhá Tereza porque ela está fazendo um doce bom” e ele contava que era o fogão de lenha, o chão batido [...].⁹

Também em sua atividade sobre o chamado “folclore italiano”, ao pesquisar cantos, vestes e comportamentos, Ernani estava, de alguma maneira, apontando para algum passado comum ou, para uma parcela da população regional, em sentido social, haja visto a presença italiana imigrante em São José dos Pinhais desde o fim do século XIX. Atuando sobre a cultura da península itálica, Ernani Zetola estava também re-trabalhando nos meados do século XX o passado ítalo e suas formas de representificação no Brasil. Deste ponto, inferimos, a memória e o passado eram cargas já importantes.

Também no Centro Cultural Scharffenberg de Quadros, Zetola e os demais amigos que compunham a diretoria da entidade organizaram uma mostra temporária de antiguidades. O Museu Temporário da Cidade foi aberto em 8 de janeiro de 1958, tendo funcionado até o dia 15 do mesmo mês. De início, a própria escolha da data não é por acaso: 8 de janeiro é o feriado municipal alusivo à posse dos primeiros vereadores, em 1853, portanto, um dos mitos fundacionais locais. Para realizar o Museu Temporário da Cidade, foram recolhidas por empréstimo e expostas antiguidades das famílias próximas a Ernani e seus colegas. Todas elas foram devidamente listadas, controladas e devolvidas, como aponta o registro feito em documento próprio para isso¹⁰. A família Zetola não escapou do intento colecionista breve do grupo. Da mãe de Ernani, Ana Maria Sicuro Zetola, foram emprestados “1 colcha e duas capas de almofadas”; “1 crucifixo belga”; “1 bolsinha de prata”; e “1 jarra” (itens 1, 3, 4 e 6 da lista). E do pai, Clemente Zetola, foram emprestados “1 bengala com anel de ouro”; e “1 foto antiga” (itens 2 e 5 da lista).

Todas estas ações demonstram por si as pretensões e preocupações de Ernani Zetola com o passado coletivo e com a história de São José dos Pinhais. Preocupações estas, claro, eivadas de uma perspectiva pessoal sobre a vida e o mundo, a saber: participe da epistemologia moderna colonial eurocentrada, que sublinha a cultura de modelo “civilizador” do centro branco e explorador do mundo sobre “o resto”. Consciente disso ou não, Ernani Zetola realizou ações em prol da construção das narrativas sobre o passado em sentido social.

Para além destas realizações citadas, Ernani, já aposentado, apostou mais alto nesta atuação cultural sobre o passado. Foi quando, na década de 1970, decidiu investir tempo,

⁹ MAROCHI, Maria Angélica. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco, p. 6. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

¹⁰ CENTRO CULTURAL SCHARFFENBERG DE QUADROS, Protocolo dos objetos expostos no Museu da Cidade, 1958. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

esforço e negociação política em favor da criação de um museu histórico para São José dos Pinhais. Sobre esta intenção, Ernani assim comentou em 2008, em entrevista ao *Guia SJP*:

Sempre pensei em fazer um Museu Histórico em São José dos Pinhais. Minha inspiração deve-se muito à minha visita ao Museu de Belas Artes de Petrópolis, o Museu Imperial. Na gestão do então prefeito Moacir Piovesan, sugeri ao Ademar José, assessor do prefeito, que fosse aproveitado o prédio da ex-prefeitura municipal, que foi instalada onde está atualmente, na ex-casa das irmãs de Sion. Desta forma surgiu o Museu Histórico do município, onde fica até hoje, na rua XV de Novembro, ao lado dos Correios.¹¹

Aproveitando-se de uma sobra de tempo, dada a aposentadoria quatro anos antes, e os bons contatos com grupos sociais e políticos importantes no município, Ernani articulou a ideia de fundação de um museu para tratar da história de São José dos Pinhais. Na ocasião, Moacir Piovesan (então do partido MDB) havia tomado posse como prefeito do município, tendo como vice-prefeito o advogado Wilson José dos Santos. O vice-prefeito, por sua vez, era e ainda é casado com Kátia Côrtes, filha de Sebastião de Souza Côrtes, que foi, nada mais nada menos, que o melhor amigo de Ernani Zetola. Assim, graças à falta de divisores nítidos e efetivos entre o público e o privado, entre *a casa* e *a rua*¹² – ou nomeadamente ao patrimonialismo tão comum quanto constituinte da realidade social e política brasileira¹³ – e também ao clima muito provinciano de uma localidade com menos de setenta mil habitantes¹⁴, a amizade e a vontade política conduziram um caminho que se mostrou eficaz.

Sebastião de Souza Côrtes e Ernani Zetola estabeleceram uma relação muito próxima, pois “eles se criaram juntos”, comentou Kátia Côrtes¹⁵. Ainda sobre isso, Côrtes seguiu:

Sebastião Souza Côrtes e Ernani Zetola brincavam juntos desde bem pequenos. Quando meu pai veio pra São José [dos Pinhais], meu avô era farmacêutico, tinha uma farmácia, e os pais do Ernani moravam do lado da farmácia. Então, o envolvimento deles se tornou assim muito próximo, e se criaram juntos e o Ernani continuou com a mesma amizade com meu pai. Ele era de dentro da nossa casa, o Ernani era como se fosse um irmão do meu pai.¹⁶

Esta relação de grupos, familiaridades e política é importante neste caso, especialmente pelo foco atribuído em seguida neste estudo. Por isso mesmo, também é

¹¹ BOBROWEC, Antônio. Entrevista: Ernani Zetola – Além das Aparências. *Guia SJP*, 12 dez. 2008, São José dos Pinhais. Disponível em.

¹² DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

¹³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Patrimonialismo. In: _____. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 64-87.

¹⁴ De acordo com os dados populacionais da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais, com base nos censos do IBGE.

¹⁵ CÔRTEZ, Kátia. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco. p. 3. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

¹⁶ Idem.

importante ter em mente que estas relações são profundas na constituição dos processos históricos nacionais. Como aponta a sociologia política preocupada com estas relações de parentesco, camaradagem e poder, “a família [e as aproximações por amizades, neste estudo] define o início da sociedade brasileira colonial enquanto unidade organizadora do país e categoria nuclear, apagando tensões e contradições entre grupos iniciais distintos”¹⁷, proposta esta que se estende longamente em tempo e espaço e, apesar das novas configurações racionais e burocráticas do Estado:

[...] tais grupos manifestaram habilidade política de se sobrepor às mudanças e reconfigurar suas estratégias de poder e riqueza, mantendo e reproduzindo estratégias familiares e sobrenomes em meio ao aprofundamento do capitalismo, do processo de urbanização e de modernização da sociedade brasileira.¹⁸

Por amizade, por contatos e/ou por convencimento técnico sobre a necessidade de um museu histórico para a região, Ernani reuniu esforços e iniciou uma campanha em favor da ideia. Fazendo uso de sua entrada já desde a década de 1950 nos jornais locais, Ernani, é bom registrar, em 1975, passa a provocar o imaginário social regional mais vezes sobre o que ele entendia como uma necessidade para São José dos Pinhais, a saber: um museu, dando a entender que uma cidade “com gente culta e inteligente” – como haveria de ser o caso –, precisava de um equipamento museológico, como demonstra esta nota publicada no jornal *Folha de São José*:

Imagem 1 – Nota publicada por Ernani Zetola em sua coluna “Trilha Social” questionando a ausência de um museu em São José dos Pinhais.

Quando teremos o nosso Museu?
 Todas as cidades antigas, mesmo que pequenas, porém, com gente culta e inteligente, têm os seus museus para contar o seu passado e as suas tradições! Por que será que São José dos Pinhais, ainda não tem o seu? Já que aqui nada existe para o visitante ver, o museu pelo menos seria algo interessante. Talvez, um dia, ainda venhamos a ter o nosso museu histórico.

Fonte: Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco (ZETOLA, Ernani. Quando teremos o nosso Museu? *Folha de São José*, 20 nov. 1975, São José dos Pinhais/PR, p. 2)

¹⁷ OLIVEIRA, Ricardo Costa de; GOULART, Mônica Helena Harrich Silva; VANALI, Ana Christina; MONTEIRO, José Marciano. Família, Parentesco, Instituições e Poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 11, p. 165-198, 2017. p. 169.

¹⁸ Idem. p. 172.

Assim sendo, o mote se tornou a falta de um equipamento público, estatal que tratasse dos temas do passado comum, do passado em sentido social. Obviamente, Ernani não estava inventando a roda, portanto, sua intenção e certa predileção pelos museus e pelas artes já tinha um lastro em sua vida e, com isso, em sua formação enquanto indivíduo como um todo, como relatou em 2001:

Olha, esse é um amor muito antigo, de décadas e décadas. Começou quando eu fui estudar em Curitiba, fazer o curso ginásial, visitando o Museu Paranaense que eu acho que era o único na época, na década de trinta. Então, muito pequeno, ainda uma casa, assim... no alto de um terreno elevado, lá no final da Rua Emiliano Pernetta. E eu me encantei com aquilo guardado por tanto tempo, [...] aquilo já foi me seduzindo. Depois que eu fiquei adulto, comecei a viajar, todas as cidades que tinha um museu, alguma coisa, não é só museu que me seduz, também as galerias de arte, gosto muito de galeria de arte [...]. E depois, quando eu tive a oportunidade de começar a viajar para outros estados, sempre onde tinha museu, eu ia visitar. Um que eu gostei muito foi o Museu do Príncipe, que agora é o Museu do Imigrante, lá em Joinville... muitos e muitos anos que eu que eu entrei pela primeira vez naquele museu, mas gostei muito. Depois eu fui ao Rio de Janeiro, visitei o Museu Histórico, gostei muito também do Museu de Belas Artes: tem peças lindíssimas, pintores famosos. Gostei muito também do Museu Imperial de Petrópolis, belíssimo [...], tudo que pertenceu a família imperial, móveis, utensílios [...]. E com o passar do tempo tive oportunidade de viajar à Europa e todas as cidades que eu conheci, eu não deixei de visitar os museus. Os museus e os palácios [...] que guardam... O Museu do Louvre é imenso, entramos às dez horas da manhã e saímos às duas da tarde e só vimos, acho que, metade do museu, não conseguimos ver tudo. Nós estávamos em caravana de excursionista, nós estávamos, assim... com visitantes independentes, que a gente pode se deter nas peças que gosta mais e que a gente se impressiona mais. E visitei Florença, que é o berço da arte na Itália. Tem uns museus que são lindíssimos, o museu de Degli Uffizi, [...] e as igrejas, que são verdadeiros museus de obras de arte, arte sacra [...].¹⁹

Empreendendo mais força em sua campanha, Ernani Zetola usou largamente de suas colunas sociais e culturais nos periódicos, tendo, em 1977, com o título de *Museu Histórico de São José dos Pinhais*, escrito que “com a ajuda de Deus e a boa vontade dos homens, não passará muito tempo e São José dos Pinhais terá o seu Museu Histórico”. Assim seguiu sua coluna:

Comentando o assunto com membros de antigas famílias são-joseenses, todos têm se demonstrado entusiasmados e alguns estão prontos a doar ao mesmo, velhíssimas peças. Por exemplo: Dona Eliza Sandi Cordeiro e sua filha Professora Alice Cordeiro, tem para oferecer ao Museu alguns objetos centenários que pertenceram à Chácara do Braga, tais como – enormes gamelões (um, retangular, com 2,50m. de comprimento), grandes potes de barro (onde se conservava água fresca para beber), imensas canastras, peças de montaria, etc. Outros se propõe doar: louças e porcelanas antigas e de família; fotos de eminentes são-joseenses do passado, assim como cartas e documentos de caráter político, por eles assinados; velhas fotos da cidade; trabalhos manuais (bordados, crochês e macramês) feitos por mulheres conterrâneas, no fim do século passado; antiquíssimas imagens sacras; instrumentos

¹⁹ Op. cit.

musicais e livros raros, mais uma variedade de coisas. São José dos Pinhais tem tradição, tem uma HISTÓRIA para contar, mas, para tal necessita de um Museu.²⁰

Ao seu esforço pessoal juntaram-se pessoas e grupos de notoriedade local, o que, do ponto de vista simbólico, por certo agregou maior peso à campanha. O Lions Clube – Aeroporto, por exemplo, um grupo de serviços à época socialmente muito influente, militou em favor das pretensões de Zetola sobre a fundação de um museu, organizando, inclusive, uma arrecadação financeira, como comenta a nota escrita por Ernani:

Imagem 2 – Nota publicada por Ernani Zetola na coluna “Trilha Social” comentando o apoio do Lions Clube ao projeto de criação de um museu

Lions & Museu:

O “Lions Club — Aeroporto” está bastante interessado na criação do “Museu Histórico de São José dos Pinhais” e dentro em breve, vai iniciar a grande Campanha da Doação. Colabore com o Lions, contribuindo para a formação do acervo do nosso futuro Museu; ele documentará o passado desta cidade e da sua gente. A oferta de algo antigo, por mais modesto que seja, será valiosa; pois tem algo a contar: cartas e documentos de caráter político e religioso; retratos; vestimentas; jóias; louças; porcelanas; cristais; prataria; telas; móveis; metais; cerâmicas; artesanatos em geral; imagens; gravuras; armas; veículos, etc.; tudo o que estiver relacionado com o nosso passado será aproveitado. Acreditamos que, qualquer pessoa sentir-se-á orgulhosa em ver o seu nome, o nome da sua família; junto a uma peça exposta em Museu.

Fonte: Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco (ZETOLA, Ernani. Lions e Museu. Folha de São José, 25 ago. 1977, São José dos Pinhais/PR, p. 2).

Foi desde o Lions Clube que a articulação política citada anteriormente se desenvolveu mais amplamente e com mais profundidade. Na entrevista concedida em 2001, por ocasião dos seus oitenta anos, Ernani Zetola comentou que via seu amigo Sebastião de Sousa Côrtes, o Lions Clube passou a apoiar a ideia especialmente porque o filho de Sebastião, Ademar de

²⁰ ZETOLA, Ernani. Museu Histórico de São José dos Pinhais. *Folha de São José*, 24 mar. 1977, São José dos Pinhais/PR, p. 2. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

Sousa Côrtes, participava da agremiação e, ainda, era assessor direto do então prefeito Moacir Piovesan.

[...] falei para o meu amigo Sebastião Côrtes, que era dono da Folha de São José, e ele disse: “mas é mesmo, vamos”. O filho dele trabalhava na prefeitura, era assessor do prefeito Moacir Piovesan, e ele disse “vamos!” e começamos a divulgar. [...] o Sebastião disse “vamos!”, “vamos começar essa campanha” e foi quando a comunidade estava... famílias antigas... e também despertou um interesse do Lions Clube São José dos Pinhais Aeroporto, que trancou na ideia e disse “não, isso vai sair!”, e influenciando o Seu Ademar, filho do Sebastião, [que] também fazia parte desse clube de serviço e estava à vontade com o prefeito Moacir Piovesan e os vereadores, né?²¹

Enquanto costurava a ideia no campo da política formal, Ernani Zetola também já registrava em suas colunas as doações feitas pelas famílias que eram suas amigas ao futuro acervo do futuro museu. A doação de um vestido de anjo para criança, feito por Zacarias Alves Pereira – ex-escravizado e posteriormente alfaiate – foi uma das primeiras notas registradas²². Dias depois, Ernani registrou a doação de um resplendor em prata de lei para cabeça de santo²³ e, uma semana depois, a doação de um pilão talhado em madeira de cedro²⁴. O que cumpre salientar aqui, pensamos, é a penetração social de Ernani Zetola o que, por certo, auxiliou sua tentativa de fundar um museu de cunho histórico tanto no campo político quanto social.

Em maio de 1977, Elon Bonin, amigo de Ernani e à época vereador de São José dos Pinhais, desde a Câmara Municipal de Vereadores, publica uma sugestão ao Poder Executivo, sublinhando a importância da ideia de Ernani Zetola e também seu nome para a condução da possível instituição:

Câmara Municipal de São José dos Pinhais
O vereador Elon Bonin, no uso dos direitos que lhe são conferidos pelo Regimento Interno e,
CONSIDERANDO que ainda não existe em São José dos Pinhais um Museu público, onde se deva guardar para a posteridade tudo aquilo que diz respeito ao interesse histórico do Município;
CONSIDERANDO, finalmente, que há necessidade de se tomar as devidas providencias para que haja um lugar apropriado para tal fim, mesmo que seja uma pequena sala, a título precário.
SUGERE ao Sr. Prefeito Municipal, que tome as devidas providencias no sentido de ser indicada ou alugada uma sala para funcionar provisoriamente o Museu

²¹ Op. cit.

²² ZETOLA, Ernani. Trilha Social. *Folha de São José*, 16 jun. 1977, São José dos Pinhais, p. 2. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

²³ ZETOLA, Ernani. Trilha Social. *Folha de São José*, 23 jun. 1977, São José dos Pinhais, p. 2. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

²⁴ ZETOLA, Ernani. Trilha Social. *Folha de São José*, 30 jun. 1977, São José dos Pinhais, p. 2. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

Municipal e designada uma pessoa para se encarregar do assunto, cuja escolha, salvo melhor juízo, poderia recair sobre o Sr. Ernani Zétola.
SALA DAS SESSÕES, 31 DE MAIO DE 1.977.
ELON FAY NATAL BONIN
VEREADOR.²⁵

Como resultado exitoso das negociações, conversas, apoios essenciais e traquejo político, Ernani Zetola viu sua vontade realizada com a fundação do então Museu Municipal de São José dos Pinhais. Em 19 de setembro de 1977, houve a assinatura da lei que o criava, quando o prefeito Moacir Piovesan sancionou seu Projeto de Lei Nº 46/1977 que voltou da Câmara Municipal ao Poder Executivo como Lei Nº 34/1977. No jornal, Ernani marcou a ação do prefeito, a de assinar um projeto de lei em favor da criação de um museu, como “momento histórico”, dizendo que “o ato da assinatura pelo Sr. Prefeito” era um “momento que ficará na história da sua gestão”:

Imagem 3 – Nota sobre o “momento histórico”, a assinatura do projeto de lei sobre a criação do Museu Municipal de São José dos Pinhais.



Fonte: Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco (ZETOLA, Ernani. *Momento Histórico*. Folha de São José, 29 set. 1977, São José dos Pinhais/PR, p. 2).

Após sua fundação em 1977, o Museu Municipal de São José dos Pinhais foi instalado em uma sede pequena, no piso superior de uma loja sito à Rua Mendes Leitão, no centro de São José dos Pinhais. Com apenas duas salas, muitos objetos mais ou menos organizados para estarem expostos e sem nenhum espaço para o trabalho técnico, a instituição caminhou seus primeiros anos. Neste estudo não nos interessa a análise das atividades, mas sim certa performatividade pública da instituição, especialmente, como citado, seu nome.

²⁵ CAMARA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Sugestão legislativa acerca da fundação de um museu municipal, do vereador Elon Bonin, de 31 de maio de 1977. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

No ano de 1981, com a mudança do Paço Municipal para outra sede, o prédio anteriormente por ele ocupado ficou vago. Este prédio é um palacete construído no começo do século XX pela família Ordine, na Rua XV de Novembro (a primeira e mais importante social, comercial e culturalmente do município), tendo sido vendido à municipalidade na década de 1920²⁶. Após abrigar os poderes públicos Legislativo, Executivo e Judiciário e algumas entidades, como a Junta Comercial, o palacete de estilo arquitetônico eclético com traços de *Art-nouveau* passou a ser a sede do Museu Municipal de São José dos Pinhais.

Imagem 4 – Perspectiva do Palacete Ordine, desde o seu pátio interno.



Fonte: Casa de Passados VI, Luciano Chinda Doarte, fotografia digital, 2021. Acervo do autor.

No movimento de mudar a sede da instituição e reorganizar as exposições, o nome do Museu Municipal de São José dos Pinhais foi alterado por um decreto assinado pelo prefeito Moacir Piovesan, dando à entidade o nome de Museu Municipal Atílio Rocco, portanto, personalizando-o. Assim diz o documento que rege ainda hoje a nomenclatura do museu:

DECRETO Nº 35/81.

O PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, ESTADO DO PARANÁ, usando de suas atribuições legais,
R_E_S_O_L_V_E

DENOMINAR, de “ATÍLIO ROCCO”, o Museu Municipal, deste Município, criado pela Lei nº 34/77, datado de 19.09.1.977.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, 27 DE FEVEREIRO DE 1.981.

MOACIR PIOVESAN
PREFEITO MUNICIPAL

²⁶ HIRT, Wanderlita; SAUCEDO, Daniele. *História da Fundação do Museu Atílio Rocco*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC, 2013.

ROSICLÉIA CÔRTEZ
SECRETÁRIA MUNICIPAL

O que se quer ressaltar nesta narrativa histórica é, neste ponto, o tremendo incômodo gerado no idealizador, fundador e primeiro diretor do Museu Municipal por este ato político e de teores patrimonialistas, como a gestão local parecia atuar, como apresentado. O nome pessoal dado ao museu, de Atílio Rocco, faz menção a um membro de uma família economicamente proeminente em São José dos Pinhais, mas que especificamente nada teve a ver com os movimentos em prol do museu ou de qualquer área da cultura em sentido formal. As fontes periódicas dão conta de que Atílio Rocco, nascido em 1901 e que viveu setenta e nove anos, quando jovem, era conhecido por ter um cavalo de corrida chamado Pipoca²⁷; por ter, quando adulto, um açougue, “o maior empório de carnes e derivados”, no centro de São José dos Pinhais²⁸; e, já na década de 1970, tempo dos movimentos de criação do museu, por dedicar-se ao latifúndio onde criava e engordava gado de corte, no Norte do Paraná²⁹.

No mesmo dia da publicação do decreto de nomeação do museu em Diário Oficial, 12 de março de 1981, durante a mudança da sede e reorganização das exposições e espaços técnicos, Ernani Zetola, então diretor da instituição, reuniu-se com Conselho de Administração (também chamado de Conselho Diretor) do Museu Municipal – colegiado este que funcionava enquanto o Museu era diretamente vinculado ao gabinete do Poder Executivo, tendo sido extinto quando da transferência de vínculo para a Secretaria Municipal de Cultura. Este era presidido pelo próprio prefeito Moacir Piovesan. Segundo a ata, estavam na reunião os conselheiros Natalicio Dela Giustina, Alberto A. G. Nogueira, Leony Haluch, Lourival Louir Berti, Ernani Zetola (na qualidade de diretor do museu), Márcio de Britto (funcionário do museu), Ademar Côrtes (filho do melhor amigo de Ernani e assessor do prefeito), representantes dos jornais *Objetivo* e *Folha de São José* e um fotógrafo³⁰.

De acordo com o documento, Ernani Zetola teria contestado o prefeito Moacir Piovesan sobre a eleição do nome de Atílio Rocco para o museu. Como argumento, Ernani diz que no caso de se nomear em caráter personalista uma entidade museal, este nome precisa ter vínculo com a cultura ou com o acervo do museu, cujo não era o caso de Atílio Rocco. Moacir Piovesan, em sua própria defesa, disse que recebeu a sugestão de sua assessoria e que não vendo “razões contrárias à indicação”, deu sequência, complementando que “por julgar

²⁷ Diário da Tarde, 4 mar. 1936, Curitiba, p. 7. Acervo da Biblioteca Nacional do Brasil.

²⁸ Gan-Fina, jul. 1941, s.p. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

²⁹ Folha de São José, 18 ago. 1980, São José dos Pinhais, p. 5. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

³⁰ CONSELHO DIRETOR DO MUSEU MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Livro de Atas. Reunião do dia 12 de março de 1981, p. 6-8.

ser um detalhe de pouca importância, não consultou os conselheiros” do próprio Conselho Administrativo (ou Diretor) do Museu Municipal.

Ernani, contrafeito, na mesma reunião apresentou seu pedido de demissão. As imagens de Ernani na reunião do Conselho expressam-no com ares de reclamação e gestos fortes, impactantes, o que não seria habitual (segundo os relatos colhidos pelo Museu Municipal Atílio Rocco sobre ele no ano de seu centenário de nascimento, em 2021).

Imagem 5 – Ernani Zetola na reunião do Conselho Diretor do Museu Municipal de São José dos Pinhais, em 12 de março de 1981.



Fonte: Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

Em sua carta de demissão, de cinco dias após a reunião com o prefeito e os demais conselheiros gestores do museu, Ernani Zetola, que tanto batalhou em prol do Museu Municipal de São José dos Pinhais (Museu Municipal Atílio Rocco, desde 1981), diz que aceitar “impassível, tacitamente tal designação, iria criar-me um ambiente de trabalho insuportável”³¹, pois teria de dar explicações sobre o nome de Atílio Rocco, a quem chamou de “pessoa alienígena à cultura e de quem não se tem conhecimento, que por alguma forma, tenha feito jus a tal escolha”³².

Márcio de Britto, que atuava junto com Ernani Zetola no Museu Municipal desde o seu início, que estava trabalhando na mudança da sede da instituição, que participou da reunião do dia 12 de março de 1981 e que assumiu interinamente a direção da entidade, assim relatou o momento:

³¹ ZETOLA, Ernani. Ofício 04/1981. Ass: Pedido de demissão em caráter irrevogável. 17 mar. 1981. p. 2. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

³² Idem.

Eu estava tão envolvido na montagem do museu – que sobrou pra mim –, foi tão rápido para começar a trazer de lá o acervo e montar, porque ao mesmo tempo que foi inaugurado o museu aqui, foi inaugurada a prefeitura lá embaixo. Então eu me desliguei politicamente dessas coisas de como foi feita essa escolha. A gente entrava às oito da manhã aqui e saía, às vezes, dez horas da noite, porque a gente tinha um período muito curto para montar o museu aqui.

Quando veio a notícia que [fizeram uma nomeação ao museu] [...] e o Ernani correndo com placa, aquelas coisas, quando veio a placa com o nome.

Olha... honestamente foi assim... chocante. Porque foi distribuído convite; prefeito, autoridades da época, secretários, pessoal de Curitiba; e cobrando: “cadê o Ernani?”. E eu tinha que dizer que o Ernani não estava mais.

Eu tive que fazer todas as honras da casa sem saber qual seria a minha posição até então. E ele não participou [do evento].

E muitas das famílias amigas, que ficaram sabendo, também não vieram. Então foi uma inauguração, assim, difícil.³³

O sentimento de injustiça com a ação parece ser distribuído socialmente, pois outras pessoas conhecedoras do caso e que se aproximaram de Ernani Zetola de alguma forma concordam com a mágoa e a dificuldade pessoal gerada ao fundador do museu por esta escolha política e performática. Margareth Poli (ex-diretora do mesmo museu), comentou que abordou o tema pessoalmente com Ernani Zetola:

Eu fiz a pergunta a ele: “senhor Ernani, o museu começou com o senhor, sem o senhor ele não existiria, porque ele não leva o seu nome?”. E daí nós entramos nas questões políticas... mas, sim, com certeza não é fácil você ver o seu trabalho, árduo, para depois alguém que sequer tenha contribuído talvez para o acervo, ou de alguma outra forma mais expressiva, acabe levando o nome da instituição, muito triste...³⁴

Maria Angélica Marochi, historiadora e amiga próxima de Ernani, comentou:

[...] ele foi na minha casa, me trouxe uma cópia de um documento que ele fez [...], que ele entregou ao prefeito [...]. Então, ele teve uma revolta muito grande quando foi... segundo ele me contou, essa pessoa era muito amiga do então prefeito – ele era empresário, talvez colaborava politicamente com o prefeito. Mas ele dizia: “ele não tem nada a ver – com todo o respeito a família, com todo o respeito a sua obra como empresário na cidade – com a cultura”. Ele queria que o museu se tivesse uma denominação ou um patrono, se assim podemos falar, que fosse alguém ligado à cultura, à história, alguém que tivesse demonstrado em sua vida interesses pela preservação. [...] Ele ficou muito revoltado, ele me contou que chegou a colocar o cargo à disposição, que ele estava extremamente chateado, isso ele me contou e me deixou a cópia, inclusive, do documento que ele entregou ao prefeito.³⁵

Em diferentes situações, o próprio Ernani Zetola externou sua mágoa com este caso. Na entrevista concedida ao *Guia SJP*, em 2008, comentou:

Mas era para ser um Museu Histórico e não para homenagear pessoas. Infelizmente, o Museu deixou de ter o título de Histórico para passar a homenagear uma pessoa,

³³ BRITTO, Márcio de. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco. p. 12-13. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

³⁴ POLI, Margareth. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco. p. 9. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

³⁵ Op. cit. p. 10-11.

no caso Atílio Rocco. Minha crítica não é com a pessoa do empresário, que tinha seu valor para a cidade, mas nomear um museu, que tinha o intuito de preservar a história, o passado da nossa gente para, a partir então, prestigiar alguém que não condiz com o significado do contexto do museu me chateou muito. Achei isto muito triste e um desapontamento muito grande o que fizeram, a ponto que pedi demissão.³⁶

Também em seu último evento social e cultural, menos de um mês antes de falecer, em 2010, Ernani ressaltou o incômodo com o ato político de Moacir Piovesan, de 1981. Quando a então diretora do museu Zelinda Helena Fialla o convidou para participar da programação de comemoração dos 33 anos da instituição, pediu a ele um pequeno texto para ser usado nas divulgações sobre o evento, como comentou:

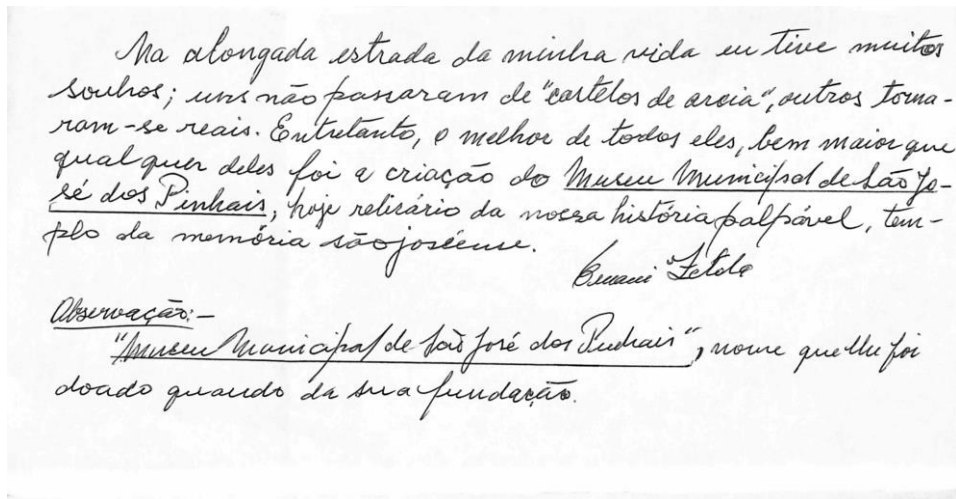
[...] algo que me marcou muito, [...] foi no em 2010. Em 2010, o museu tinha a programação do Quarta no Museu e para setembro, quando o museu completaria 33 anos, nós tivemos uma programação especial. Toda semana com apresentações, palestras e no dia – eu não lembro agora, acho que foi no dia 15 –, nós tínhamos um encontro com o Seu Ernani, então, nós convidamos as pessoas que lhe eram caras, para estarem com ele nesse momento. Foi algo muito legal, ele estar aqui com a gente. E eu lembro que umas semanas antes, preparando toda essa programação, eu liguei para o Seu Ernani para convidá-lo, [...] para contar o que a gente estava fazendo e tudo mais, aí ele falou que não estava muito bem, [...] mas que ele viria, participaria com certeza desse momento. Aí eu até pedi: “então, Seu Ernani, eu gostaria que você mandasse um texto, algo assim para gente trabalhar na questão de comunicação [divulgação]...”, algo assim, e ele me deu um presente – que eu acho que foi um presente num sentido de que chegou num envelope amarelo com uma frase [...].³⁷

Na frase comentada por Zelinda Fialla, Ernani Zetola registrou que o museu, dentre todos os sonhos que teve na vida, foi “o melhor de todos eles, bem maior que qualquer deles”, ao que chamou de “relicário da nossa história palpável, templo da memória são-joseense”. Mas, no bilhete de apresentação, o que mais chama atenção neste caso, por certo, são as duas últimas linhas nas quais está grafado: “Observação: Museu Municipal de São José dos Pinhais, nome que lhe foi doado quando de sua fundação”, como aparece abaixo:

Imagem 8 – Bilhete de Ernani Zetola sobre sua relação com o museu que fundou, de 2010.

³⁶ Op. cit.

³⁷ FIALLA, Zelinda Helena. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco. p. 10. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.



Fonte: Acervo do Museu Municipal Afílio Rocco.

Encerrando esta primeira parte, com uma narrativa mais temporal que historiográfica (mas não isenta de historiografia), pretendemos registrar exatamente o potencial performativo no âmbito da história pública e da gestão do passado em sentido social que o nome atribuído a um museu em específico pode apresentar. Nomear um museu com um ou outro nome, evidentemente, não se dá por acaso, mas por intenções, sejam estas quais forem. O uso do museu como um mecanismo de inscrição social das pretensões e perspectivas próprias de um grupo, um nome ou uma visão de mundo, como exploraremos a seguir, infere largamente na atuação do passado sobre o presente, sobretudo em espaços de poder e promotores de narrativas quase que incontestes.

Sobre Palavras e Coisas no Campo da Memória e do Passado

Para analisar de forma mais aproximada este processo histórico, servimo-nos de proposições acerca da Análise do Discurso, da História do Tempo Presente e dos temas da memória e do poder político. Entendendo o discurso como a "palavra em movimento"³⁸, se toma esta ação como o lugar onde é possível perceber a relação entre a língua e a ideologia, entre o enunciado e as ideias. O discurso é composto pelo dito e pelo não dito e é atravessado pelo imaginário e pelo simbólico – para além da concretude – e, portanto, analisar um discurso vai além de uma análise do que está dado ou, neste trabalho, do simples nome de um museu. Assim, para analisar o discurso presente no nome do museu é preciso analisar também as “condições de produção”³⁹: os sujeitos; a situação ou contexto; e a memória discursiva (ou

³⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999. p. 15.

³⁹ Idem. p. 30-34.

interdiscurso, que são os "já ditos" que retornam em discursos localizados em um presente significando o discurso, dando sentido ao que está sendo proposto, sendo escolhas conscientes ou não). Portanto, a ideia "visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos"⁴⁰, afastando, neste caso, propostas de inocência e/ou ingenuidade sobre as escolhas.

Então, para compreender os significados e os sentidos produzidos pelos discursos presentes na escolha do nome do então Museu Municipal de São José dos Pinhais – atual Museu Municipal Atílio Rocco –, é preciso compreender todo o contexto no qual a escolha ou a mudança do nome está inserida. Aqui também se percebe a memória discursiva, já que é possível identificar a ideologia, quando ela não é explicitamente apresentada, por meio do "já dito" que é reutilizado no discurso. Por fim, pensar quem são os sujeitos, as posições discursivas ocupadas⁴¹, portanto, o cabedal imaginário que rodeia as posições ocupadas pelos locutores e pelos interlocutores, que nem sempre revelam a totalidade dos sujeitos, mas que constituem também suas identidades. Nesse tema, é necessário levar em conta que a decisão pela mudança do nome do museu partiu do prefeito da cidade (ou de um assessor, mas, ainda assim, do Poder Executivo Municipal), que é uma posição discursiva de muito poder e ressonância social.

Sobre as relações contextuais, como apresentadas, a mudança do nome do museu se deu sem o conhecimento do próprio fundador e então diretor da instituição, apresentando teores de motivação política, sendo usada como forma de homenagear um integrante de uma "família tradicional" da elite local. Uma decisão unilateral que não passou nem mesmo por outras instâncias políticas como o corpo técnico do museu, o todo social restante ou o próprio Conselho Administrativo. Há, assim, decisões arbitrárias envolvendo o maior – e, à época, o único – museu do município e que afetam, inclusive nos dias atuais, a sociedade são-joseense, mesmo que de forma indireta com a falta de identificação entre o nome do museu e a maioria dos cidadãos (pensando a ressonância em sentido mais ou menos inclusivo). Além disso, é possível perceber uma perpetuação do caráter conservador do governo que optou por continuar uma prática comum no Brasil: homenagear a "epistemologia tradicional"⁴²,

⁴⁰ Idem. p. 26.

⁴¹ Idem. p. 40.

⁴² DOARTE, Luciano Chinda. "Essa Guerra não é Nossa": os museus e a invisibilidade das vítimas da necropolítica. In: SOUZA NETO, Manoel Gustavo de (Org.). *Anais do I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás*, 23 a 26 de junho de 2020. Uruaçu: UEG, 2020. p. 573-593. p. 575.

alimentando a *metapalingênese patrimonial*⁴³ do patrimônio, fazendo das performances do patrimônio em suas diferentes faces – o que inclui os museus – uma máquina de retroalimentação do mundo eurocentrado, masculino, branco, de valores cristãos – nesse caso, mesmo que o homenageado nada apresente de envolvimento com o museu ou a área cultural.

Ainda, o “já dito” presente no nome escolhido para o museu é justamente o nome de Atílio Rocco, um substantivo próprio referente a uma pessoa, substituindo um substantivo próprio que se referia a um município e, por conseguinte, ao “Povo”⁴⁴ são-joseense em sentido total (independentemente da forma atribuída à complexidade sociocultural). O primeiro nome concedido ao museu – Museu Municipal de São José dos Pinhais –, utilizando o substantivo próprio de lugar – como se dá em diversos outros exemplos na área museal, como o Museu Paulista, o Museu Nacional, o Museu Paranaense, entre outros –, possuía um significado e proposição de sentimento de pertencimento para um maior número de cidadãos, enquanto o nome de Atílio Rocco, inferimos, apresenta um significado para uma parcela muito inferior da população, sobretudo para as mesmas famílias que fazem parte da elite local, enquanto os demais cidadãos muitas vezes não o conhecem e quando entram em contato com o museu não compreendem a escolha do nome, como foi relatado por Vitor Magliocco do Carmo, bibliotecário da instituição:

A gente, quando recebe escola ou quando vai fazer alguma mediação para algum grupo ou quando faz mediação individual mesmo, que aí tem essa questão [...], Museu Atílio Rocco... Quando a gente entra na sala e fala da história do Seu Ernani, as pessoas fazem a relação “ah, mas por que que o museu chama Atílio Rocco então?”. Então essa é a questão, as pessoas passam a saber quem foi Ernani Zetola nesse momento [da visita e da explicação], então eu acho que precisa-se ainda se saber a importância dele. É um outro problema, essa questão do nome Atílio Rocco... tudo isso que eu falei e que o próprio Ernani relatou, documentou, ainda tem a questão: por que que o museu chama Atílio Rocco? Por que que não chama Museu Municipal de São José dos Pinhais ou por que que não chama Ernani Zetola?⁴⁵

O nome do museu ainda pode ser entendido como um referente, ou seja, um objeto, uma materialidade, que é transformado em linguagem. O processo de referenciação é uma reelaboração da realidade, produzida de forma intersubjetiva a partir de negociações entre

⁴³ DOARTE, Luciano Chinda. Um Fogo que Arde sem se Ver: cargas simbólicas, modos subjetivos e conformismo sobre uma violência sutil no patrimônio cultural. In: DOARTE, Luciano Chinda. *Nem Tudo Para Todos: estudos sobre patrimônio cultural e violências no mundo contemporâneo*. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2020. p. 344-368. p. 354.

⁴⁴ AGAMBEN, Giorgio. O Que é um Povo? In: _____. *Meios Sem Fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 35-40.

⁴⁵ CARMO, Vitor Magliocco do. Entrevista sobre a vida e a obra de Ernani Zetola, concedida a Luciano Chinda Doarte, 2021, no Museu Municipal Atílio Rocco. p. 10-11. Acervo do Museu Municipal Atílio Rocco.

locutores, ou seja, um mesmo referente pode possuir diferentes significados dependendo de quem fala e para quem fala, a partir de negociações⁴⁶. A partir dos referentes e das práticas sempre voláteis e relacionais de referenciação, são propostas formas de *montagem* e *remontagem* sempre inéditas, atribuindo não só novas visualidades, leituras (em sentido textual), grafias, mas também perspectivas sobre o mundo, narrativas sobre a realidade⁴⁷, atuando como incidentes políticos em um dado tempo e em um dado espaço. Atribuir formas de referência a algo, portanto, *montar*, é um re-tecer da narrativa⁴⁸, coisa que os museus efetivamente fazem. Além de re-tecer narrativas, a operação da montagem tem o potencial de instaurar novas relações com o tempo, haja visto que a operação dá novos lugares às coisas antes sem lugar, o que inerentemente atribui sentidos.

No caso do nome do museu, entendido aqui como o referente remontado, enquanto os grupos políticos estabelecidos – inclusive o prefeito responsável pela mudança do nome – escolhem manter o nome dado de forma arbitrária, preferindo não se envolver em um processo de nova mudança de nome para não gerar desacordo com a elite local, outros grupos dão um significado negativo ao nome atual, que se engajam, inclusive, em tentativas de correção do nome, como se observa pelos diferentes pedidos neste sentido feitos ao Poder Executivo de São José dos Pinhais. Em 2017, ano de comemoração dos 40 anos de fundação do museu, a equipe da instituição encaminhou um pedido, sem efeitos quando chegou ao gabinete do então prefeito Antônio Benedito Fenellon. Em 2021, ano do centenário de nascimento de Ernani Zetola, uma demanda popular apresentada por um professor de história do município chegou ao Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de São José dos Pinhais, que apreciou e deliberou favoravelmente sobre a matéria, tendo entregue a sugestão de correção do nome do museu à atual gestão, em 26 de julho de 2021, como aponta a cópia do dossiê entregue para a prefeita Margarida Maria Singer⁴⁹. Este pedido também aguarda, hoje, um posicionamento do gabinete da prefeita.

Para analisar e perceber a referenciação é preciso considerar o contexto em que as negociações acerca do referente estão inseridas e os interlocutores – os sujeitos e suas posições discursivas. O contexto e os sujeitos do momento de mudança do nome não são os

⁴⁶ MARTINS, Mayara. *Referenciação*. Canal Mayara Martins no Youtube. 8 abr. 2020. 14min17seg.

⁴⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontar, Remontagem (do Tempo). *Caderno de Leituras* – n. 47. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

⁴⁸ Idem. p. 4.

⁴⁹ CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. *Ofício Nº 05/2021*, Ref.: Dossiê e Parecer Técnico do COMPAC acerca de demanda popular [sobre o nome do museu]. São José dos Pinhais, 26 jul. 2021. Acervo do Arquivo do COMPAC.

mesmos dos momentos dos pedidos pela retomada do primeiro nome, entretanto, a defesa da permanência do nome parece seguir a mesma lógica do prefeito que o escolheu: a escolha por manter boas relações com a elite local ao invés de atender às demandas populares. Estas negociações, é bom pontuar, ocorrem no campo técnico (com funcionários do museu e com um professor e conselheiros de políticas públicas, como nos exemplos citados), não sendo uma agenda pública em sentido amplo. Assim sendo, esta preocupação aparece como uma demanda de um grupo já inserido nos debates sobre museus, patrimônios e valores simbólicos atribuídos.

Independentemente das esferas, neste caso, o mote aponta para a relação do museu com a memória do município de São José dos Pinhais e, em especial, para o agravo feito ao fundador e primeiro diretor do museu, Ernani Zetola, com a mudança autocrática e, como Zetola definiu, “alienígena à cultura”⁵⁰. Em ambos os atos (na mudança do nome da instituição, em 1981, e nas tentativas de retomada recentes do nome original), há tentativas de reelaborar, remontar o discurso oficial, estatal, público, em sentido total sobre o passado da própria entidade. Todas elas são formas – ou, ao menos, possibilidades propostas – de se cristalizar uma ideia acerca do passado social no presente (como e o que se lembra do passado), o que denuncia em si, conscientemente ou não, um impulso ativo e uma vontade de incidência política⁵¹. Perceber esta dinâmica nos possibilita afastar, mais uma vez, qualquer ingenuidade sobre os processos históricos realizados. Por isso mesmo, personalizar uma instituição que detinha um nome quase que genérico e mais amplo com um nome muito específico (exatamente um dentre milhares outros possíveis) não pode ser entendido como algo de “menor importância”, como argumentou Moacir Piovesan na reunião de 12 de março de 1981⁵².

Nas propostas deliberadas conscientemente sobre memória em sentido social, encontramos as *políticas de memória*⁵³ sobre um instrumento público potente de ação cultural sobre o passado. Neste campo de gestão social da memória, é importante perceber que mesmo sendo uma possibilidade de diferentes grupos e organizações, as ações do Estado, nesses casos, usufruem de maior caráter simbólico de justificativa da ação, uma vez que os museus estão historicamente enraizados como formas de atuação acerca do passado quase que acima

⁵⁰ Op. cit.

⁵¹ SCHINDEL, Estela. Inscibir el Pasado en el Presente: memoria y espacio urbano. *Política y Cultura*, primavera 2009, n. 31. p. 65-87. p. 67.

⁵² Op. cit.

⁵³ BAUER, Caroline Silveira. Políticas de Memória: aproximações conceituais e teóricas. In: *Minicurso Políticas de Memória: das teorias às práticas*. Online. Universidade Federal de Pelotas. 16 jun. 2020. 23 slides.

de quaisquer suspeitas. “[...] criar, preservar, transmitir um relato sobre determinado passado considerado particularmente importante ou significativo e, a partir desse relato, empreender medidas concretas”⁵⁴ são as atividades realizadas através das políticas de memória que, no caso museológico, está intimamente vinculada à produção narrativa, formas de escolhas do que será incluído ou não na dignificação cultural e relações nem sempre equitativas de poder de decisão. Estas dinâmicas respingam, sem dúvidas, na “simples” (sic) eleição do nome da instituição como um todo.

Casualmente ou não, a ação tomada como objeto de estudo neste caso se deu no campo museal, que é por si – pela sua constituição histórica e pela sua proposta de atuação sobre os temas do passado em sentido coletivo – um espaço extremamente fértil para se pensar as dinâmicas de memória (de lembrança e de esquecimento). Sem ingenuidades, as escolhas museais são propriamente escolhas, não acasos. Os processos decisórios são mormente conscientes, por mais que possam ser afetados por demandas subjetivas tão sutis que passem despercebidas. E é por este caminho que se pondera sobre o potencial articulável entre *memória e poder*⁵⁵ no Museu Municipal Atílio Rocco. As decisões para a realização não só de exposições, pesquisas ou divulgações culturais, mas também acerca de um instrumento que auxilia na identificação da entidade pública (seu nome), pode incorrer em duas possibilidades próprias da ação museológica: sendo “espaços celebrativos da memória do poder”, expressando a “vontade política de indivíduos e grupos e representa a concretização de determinados interesses”⁵⁶; ou, de outra perspectiva, se posicionando por meio do poder da memória, com a “colocação das instituições de memória ao serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social”⁵⁷.

Como apontado, o nome de Museu Municipal de São José dos Pinhais, por diferentes motivos, apresenta uma proposta de teor mais democrático, mais inclusivo ou, ao menos – se não tão eficaz na produção de um pertencimento saudável a todos os atores sociais –, mais totalizante e genérico. Por outro lado, Museu Municipal Atílio Rocco expressa notoriamente o personalismo, o patrimonialismo, as relações de amizade e familiaridade no campo político formal e, objetiva ou tangencialmente, a redução da proposta social integral.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ CHAGAS, Mario. Memória e Poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 19. 2002. p. 43-81.

⁵⁶ Idem. p. 62.

⁵⁷ Idem. p. 65.

Considerações Finais

Com base no que foi aqui apresentado, consideramos importante ressaltar quatro pontos. O primeiro deles diz respeito à importância mesma da análise aqui realizada. Em diferentes momentos da história sobretudo ocidental, a cultura, as artes e o patrimônio foram vistos como periféricos ou superficiais, como se fossem um campo que refletisse de modos “belos” as proposições dos campos empírico econômico e político (que nesta hierarquia seriam mais importantes). Sobretudo a partir da década de 1990⁵⁸, a cultura ganha um patamar de maior dignidade dentro dos próprios estudos de cunho científico. No contexto doméstico brasileiro, este movimento se dá no campo das agendas políticas com maior intensidade após a reforma ministerial no Ministério da Cultura (tendo 2009 como ano central)⁵⁹. Isto posto, e também com vistas às dinâmicas de identidade cultural cada vez mais proeminentes e à importância das formas de comunicação no mundo, o próprio objeto deste estudo se torna algo longe de uma qualquer coisa de supérflua, ocupando espaço de alta importância na prática sociocultural são-joseense. E é por isso mesmo que um nome para uma instituição, neste caso, não é apenas um nome para uma instituição, mas também uma proposta sobre o mundo e sobre as formas de lembrar, registrar, esquecer e silenciar.

No campo dos costumes, dos hábitos, das conformidades, é possível que paulatinamente muitas coisas consigam passar despercebidas, e é este o segundo ponto. Mas não permitir que articulações com cargas tão simbólicas quanto importantes passem abaixo do radar é sumariamente essencial para contribuir com as interpretações das realidades pensadas e executadas. Um sintoma destas realidades é que o nome do maior e único museu de caráter histórico-cultural de São José dos Pinhais é, por si, um instrumento de identificação, proposição de pertencimento social e de educação cidadã, apontando para um nome e não tantos outros possíveis como um referente tomado como digno de representar a história do todo social.

Nos trabalhos educativos formais (nas escolas locais) e não formais (como no próprio museu), formação de subjetividade e interpretação do caráter de dignidade cultural (que se atribui a algumas coisas e a outras não) são práticas presentes. Silenciosa, no mais das vezes, mas presente e potente. Só o fato de escolas levarem seus estudantes para aquele espaço, que

⁵⁸ HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997. p. 22.

⁵⁹ CALABRE, Lia. Política Cultural em Tempos de Democracia: a Era Lula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 58, p. 137-156, 2014. p. 143.

tem um nome e não outro, já aponta para como esta instituição de poder e de memória pode ou não propor mundos possíveis ou limitados.

Em terceiro lugar, é venal pensar também sobre por que propor uma nova mudança no nome da instituição em 2021. Para este ponto, apresentamos dois argumentos: inicialmente, deve-se levar em conta o próprio incômodo gerado a Ernani Zetola com a nomeação de Atílio Rocco ao museu. E por quê? Sobretudo por reconhecimento ao seu largo esforço em favor da fundação de um Museu Municipal para São José dos Pinhais. Ernani Zetola não precisa ser entendido como um gênio ou um ponto fora da curva, tendo em vista que museus já existiam centenariamente na década de 1970, mas, ao mesmo tempo, foi dele a vontade e o maior trabalho (exitoso, que fique registrado) para que o município tivesse também, à exemplo de outras regiões, um lugar para pensar a si e aos seus processos. Os métodos museológicos utilizados não estão aqui em pauta, mas, isto sim, o empenho em se realizar a existência de um potente instrumento político e cultural que pode ajudar a sociedade a se perceber mais criticamente. Incômodo este que, de tão grande, gerava práticas de negação, como comentou Márcio de Britto sobre o não uso do nome oficial, portanto, o legado de um não lugar para o nome de Atílio Rocco por parte de Ernani Zetola:

[...] até então, oficialmente a gente usava “Museu Municipal de São José dos Pinhais” para tudo. Nunca usamos o nome dado [Museu Municipal Atílio Rocco]. [...] O Ernani foi muito consciencioso, ele falou “a pessoa não teve culpa”. Ele falou “deixe, eu não uso esse nome”; se vocês olharem no período dele não tem. [...] ele até me mandou: “vá na casa, procure a biografia, vê se tem algum acervo, para ter alguma coisa da pessoa [no acervo do museu]”.⁶⁰

O segundo argumento gira em torno de algo legado pelo que aborda o primeiro: a produção e manutenção, nestes trinta anos, de uma homenagem equivocada. A necessidade de dar “louros culturais” a alguém fora criada pela gestão do executivo municipal em vez de manter o caráter geocultural de antes do nome da entidade. Com a criação de uma demanda possivelmente desnecessária, a eleição do agraciado não contemplou em qualquer tempo as mínimas exigências (mesmo que ditadas mais pelo bom senso que pela tecnicidade), dando a um comerciante e produtor de carnes um pedestal cultural central na região. Se a demanda parece ser uma necessidade, os meios utilizados para saná-la parecem, nesta leitura, incoerentes e também insuficientes.

Por fim, sublinha-se a potência de que no século XXI a demanda pela mudança ou, melhor, correção do nome do museu tem origens especializadas, sendo proposta por

⁶⁰ Op. cit. p. 6.

professores, historiadores, arquitetos e pesquisadores do campo cultural. Por óbvio estas demandas são também políticas, mas não se faz epistemologia sem lugar social, portanto, isento contextualmente falando. Assim sendo, apresenta-se muito importante que agentes especializados no campo da história, da cultura e do patrimônio reconheçam a necessidade de retomada do nome de Museu Municipal de São José dos Pinhais, com destaque aos três principais argumentos do dossiê escrito pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de São José dos Pinhais: a correção de uma mácula; a falta de nexos entre Atílio Rocco e a cultura; e, em especial, a carga mais democrática de um nome que fala mais sobre o município que sobre uma pessoa.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. O Que é um Povo? In: _____. *Meios Sem Fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 35-40.
- ANDREONI, Renata. Museu, Memória e Poder. *Em Questão*, v. 17, n. 2, p. 167-179, 2011.
- DOARTE, Luciano Chinda. “Essa Guerra não é Nossa”: os museus e a invisibilidade das vítimas da necropolítica. In: SOUZA NETO, Manoel Gustavo de (Org.). *Anais do I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás*, 23 a 26 de junho de 2020. Uruaçu: UEG, 2020. p. 573-593.
- DOARTE, Luciano Chinda. Um Fogo que Arde sem se Ver: cargas simbólicas, modos subjetivos e conformismo sobre uma violência sutil no patrimônio cultural. In: DOARTE, Luciano Chinda. *Nem Tudo Para Todos: estudos sobre patrimônio cultural e violências no mundo contemporâneo*. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2020. p. 344-368.
- BAUER, Caroline Silveira. Políticas de Memória: aproximações conceituais e teóricas. In: *Minicurso Políticas de Memória: das teorias às práticas*. Online. Universidade Federal de Pelotas. 16 jun. 2020. 23 slides.
- CALABRE, Lia. Política Cultural em Tempos de Democracia: a Era Lula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 58, p. 137-156, 2014.
- CHAGAS, Mario. Memória e Poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 19. 2002. p. 43-81.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontar, Remontagem (do Tempo). *Caderno de Leituras* – n. 47. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v.22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HIRT, Wanderlita; SAUCEDO, Daniele. *História da Fundação do Museu Atílio Rocco*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR, 2013.

MARTINS, Mayara. *Referenciação*. Canal Mayara Martins no Youtube. 8 abr. 2020. 14min17seg. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QpWBWYKuvxI>>. Acesso em 1 out. 2021.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de; GOULART, Mônica Helena Harrich Silva; VANALI, Ana Christina; MONTEIRO, José Marciano. Família, Parentesco, Instituições e Poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 11, 2017, p. 165-198.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

SCHINDEL, Estela. Inscribir el Pasado en el Presente: memoria y espacio urbano. *Política y Cultura*, n. 31. p. 65-8. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Patrimonialismo. In: _____. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 64-87.

SOUZA, Giane Maria de. Museus, espaços de memórias e coleções: diálogos e interfaces. *Revista Confluências Culturais*, v. 5, n. 2, p. 151-162, 2016.